

VÍCIOS E VIRTUDES. MACEDO, Helder.
Rio de Janeiro: Record, 2002, 236 p.

GREGÓRIO DANTAS
(Doutorando em Teoria Literária-UNICAMP)

O primeiro romance de Helder Macedo, *Partes de África* (1991), foi um acontecimento: recebido com desconcerto, devido principalmente à hibridez e fragmentação de sua forma, revelava caminhos insuspeitados aos leitores de sua poesia. Chamava a atenção da crítica a construção do narrador homônimo do autor, a fragmentação da narrativa, a utilização de diferentes registros literários e o discurso metaficcional, revelador da intertextualidade estabelecida com uma célebre tradição de narradores, de Laurence Sterne a Machado de Assis. Além disso, problematizava de modo sistemático o estatuto do discurso histórico tradicional; para o autor, toda a recordação é imaginativa, de modo que o limite entre a verdade factual e o imaginado é não apenas tênue, mas indiscernível.

Em uma comunicação apresentada no Rio de Janeiro, “Reconhecer o desconhecido”, incluída em *Partes de África*, Macedo usa o exemplo dos mapas dos descobridores portugueses, que continham não apenas a descrição de regiões já comprovadamente existentes, como também ilhas imaginadas, o que é uma perfeita metáfora para a relação entre verdade e verossimilhança estabelecida pelo romance. No mapa de sua ficção, as ilhas imaginárias são tão verdadeiras quanto as reais; mais do que isso, talvez sejam mais verossímeis (e portanto mais adequadas do ponto de vista literário) do que estas. Blefador assumido, o narrador convida (ou desafia?) o leitor para seu jogo de verdades ficcionais e históricas.

Jogo que metaforicamente domina *Vícios e Virtudes*, mais recente romance de Macedo. Desta vez, a ironia sobre a escritura literária concentra-se, de imediato, na personagem de Francisco de Sá, uma caricatura do escritor contemporâneo. É através dele que Macedo, o narrador, conhece Joana, mulher enigmática cuja biografia tem fortes semelhanças com Joana de Áustria, a mãe de D. Sebastião. Ambos escritores farão disso o tema para seus romances. Francisco de Sá termina o seu volume primeiro, lançado “a bom tempo do mercado de Natal e a posicionar-se para os prêmios” (p. 75). Já a tentativa de

Macedo é o próprio livro que temos em mãos: composto por trechos ficcionais de sua autoria, uma paráfrase de um artigo de Marcel Bataillon, fragmentos de textos da própria Joana e de um diário que seria de um suposto tio dela, *Vícios e virtudes* é um intrincado jogo de construção do passado e, conseqüentemente, da identidade de Joana. Francisco de Sá, Helder Macedo e a própria Joana são “inventores” desta personagem difusa e incompleta.

Nos romances anteriores, o narrador “se rebaixava” ao estatuto de personagem, por assumidamente perder o controle sobre elas; aqui, este processo é acentuado, a ponto de uma personagem, Joana, ser ela mesma tão responsável pela criação quanto Macedo. E da mesma forma que o narrador, em *Pedro e Paula*, convidava seu leitor para o jogo e preparava-o para o blefe, Joana deixa claro, logo de início: “Já fica a saber, eu minto muito. Aviso sempre mas nunca ninguém acredita” (p.86).

Paula possuía a simpatia do narrador, não apenas por ser fisicamente atraente, mas por ser uma artista, e a composição visual de seus quadros, através do questionamento dos limites da arte figurativa e da influência da música, notadamente da ópera, tinha muito de metáfora do trabalho de composição do próprio Macedo. Já Joana é dotada de um talento semelhante, já que é, também, ficcionista como Macedo: ela mente (ou blefa), cria personagens (o filho, o tio) e mistura História, lembrança e invenção, tornando-os partes indissociáveis de sua composição. Neste sentido, é um espelho do próprio autor. Quando ambos se isolam, e passam dias conversando e discutindo a vida de Joana, não é apenas dela que está se falando, mas da própria criação no sentido compreendido pela ficção de Helder Macedo. Como se fosse leitor, e mais, como se fosse um leitor de um livro desnorteante como *Partes de África*, o narrador, em certo ponto do diálogo com Joana, indaga, como quem procura referências em sua experiência literária para explicar o que vê (e descreve): “Isto afinal é um romance histórico, uma história de fantasmas, uma ópera, ou uma novela policial?” (p. 147).

Francisco de Sá e Joana são desdobramentos do narrador, pois incorporam, para o mal e para o bem, respectivamente (mas não de maneira unívoca), as dúvidas e certezas do escritor frente à criação literária.

Joana se nega a receber a identidade histórica que lhe é imposta e, estabelecendo um jogo de espelhamentos entre si mesma e as diferentes “versões”, históricas ou ficcionais, que lhe são conferidas, torna-se autora de si mesma. Ao fim, restam fragmentos de uma identidade cuja única existência é a ficcional. Conforma-se, assim, o narrador: “Mas eu sabia dela o quê? Histórias. Só histórias, ela própria me tinha dito, umas verdadeiras outras falsas, falsas e verdadeiras ao mesmo tempo sem se poder distinguir o que era o quê” (p.217).

Helder Macedo, desta forma, cria uma metáfora do sebastianismo e da identidade portuguesa. Quando Francisco de Sá evoca “O Encoberto” como símbolo da identidade nacional, assim retruca o narrador: “Uma ova a

identidade nacional, não há tal coisa. Há pessoas e circunstâncias” (p. 30). E o comprova, demonstrando, através deste mosaico que é Joana, que toda identidade é uma construção ficcional, ou seja, é a união, por parte de um narrador, de fragmentos da memória, da imaginação e da História. Sendo representação, o discurso histórico supõe um ponto de vista de quem o enuncia, que determina a escolha dos fatos a serem apresentados, o registro e a ordem desta apresentação, além de uma perspectiva ideológica. Torna-se, portanto, ficção. E é no plano do verossímil literário que deve ser compreendida a apreensão da história pelo narrador macediano.

Além desta releitura crítica da História, Macedo problematiza o processo de criação ficcional através do constante discurso metaficcional. Em primeiro lugar, parece-nos claro que é principalmente através do jogo de referências literárias e do discurso crítico sobre a ficção que Macedo estrutura o seu romance, dando uma unidade ao mosaico de imagens, vividas ou imaginadas, reais ou não, mas verossímeis no corpo do texto. Ou seja, a unidade do romance macediano é alcançada sobretudo através do questionamento de sua forma (e que pode ser centralizada na teoria do mosaico já exposta em *Partes de África*).

Uma segunda reflexão leva-nos a crer que o narrador utiliza-se da tradição para, situando-se nela, definir a si mesmo uma identidade autoral, ou seja, cria sua própria identidade espelhando-se na tradição literária que evoca. Assim é, na verdade, com suas principais personagens, desenvolvidas apenas através do espelhamento em relação a outras personagens, do romance ou mesmo de outras obras e autores.

Em *Vícios e Virtudes* (cujo título é já uma forma de espelhamento, como em *Pedro e Paula*), desenvolve-se claramente a metáfora do duplo através do jogo de cartas ensinado a Joana pelo tio, também chamado Francisco. As cartas deste baralho especial organizam-se em pares, cada par com a mesma imagem, mas com inscrições ligeiramente diferentes para cada carta: uma representa o vício; outra, a virtude. Mas distinguir o vício da virtude é delicado, pois um só existe em relação ao outro, e nunca em estado ideal. Nas palavras de Francisco para sua pupila, é preciso ver “o outro lado das coisas, aceitar que cada história pode conter a história oposta” e que “a mesma história pode mudar de dia para dia” (p.49).

Deste modo, Francisco de Sá é um duplo para Helder Macedo, já que através dele, e por oposição, o narrador desenvolverá sua visão sobre o fazer romanesco, embora eles não sejam totalmente antagônicos, como o narrador gostaria que fossem; nota-se que o narrador pressente as semelhanças, constrangido, nas entrelinhas de suas reflexões literárias.

Já Joana possui uma composição mais fragmentada: ela espelha-se não só na histórica Joana de Áustria, como também em suas versões ficcionais, principalmente a criada por Helder Macedo, apresentada ao leitor nos capítulos

2 e 3. Na verdade, é apenas através de seus duplos que pode ser vislumbrada a identidade fragmentária de Joana, ela própria fingidora de si mesma, como o narrador. Ora, é estabelecido, assim, o espelhamento mais importante do romance, entre Macedo e Joana, ambos criadores de suas próprias identidades. E consolidada a idéia de que História, imaginação e memória são indissociáveis da ficção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MACEDO, Helder. *Partes de África*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

_____. *Pedro e Paula*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

_____. *Vícios e virtudes*. Rio de Janeiro: Record, 2002.